

Povos Indígenas no Brasil

Fonte O Estado de São Paulo Class.: 185

Data 2 de fevereiro de 1977 Pg.: _____

Quando o índio é só pretexto

ESP - 2.2.77
Com a afirmação "a Funai é uma ameaça ao índio", o CIMI prepara mais uma batalha de sua guerra particular contra a fundação encarregada de traçar e de executar a política indigenista brasileira. A exemplo dos demais, o documento divulgado em Porto Alegre após um curso de atualização de pastoral indigenista é de uma agressividade sem par, anulando, pelo menos por agora, qualquer abertura para o diálogo proposto, no mesmo dia, pelo presidente da Funai, general Ismarth de Araujo Oliveira. A leitura da entrevista do general e do manifesto dos religiosos nos deixa perplexos. De um lado, é um homem das armas propondo um encontro pacífico, franco, visto que esse estado de beligerância "não beneficia em nada o índio". De outro, a posição hostil, a proposta da luta, o abandono de qualquer idéia construtiva. Ao mesmo tempo, em total desrespeito à autoridade papal, o padre Egydio Schwade, do Conselho Indigenista Missionário, critica a entrevista conciliatória do núncio apostólico D. Carmine Roco com o ministro do Interior Rangel Reis.

"O encontro vem mostrar mais uma vez que a diplomacia é um hábito das cúpulas", afirma ele, acrescentando que provavelmente eles não debateram os principais problemas indígenas que as missões enfrentam.

Tudo isso nos leva a crer na existência de uma rebelião declarada do CIMI contra a orientação pacificadora e certa da Igreja Católica, que deseja o diálogo no benefício dos índios. E suscita também a pergunta: afinal, o que pretende o CIMI? Por que atacar tão frontalmente o único presidente da Funai que, após vencer um confronto com autoridades superiores, consegue impor uma nova política indigenista de aculturação lenta e vem a público pedir colaboração? Por que os missionários cristãos do CIMI sonegam deliberadamente, em seu manifesto, a informação de que o superintendente da Funai conseguiu demitir de um posto-chave elemento contrário à nova política e alheio ao problema do índio (um economista) colocando no seu lugar um sertanista experimentado? Contrariamente ao que seria de esperar, apegam-se os missionários a fatos de menor importância, brigas pessoais, e servem-se deles para condenar política do superinten-

dente da Funai que, em oposição ao que fizeram seus predecessores, está decidido a acertar, aceitando sugestões e críticas. Claro está que não pode aceitar críticas acres, provocativas e, acima de tudo, expressas publicamente em manifestos panfletários que somente extremam as posições.

A atitude do CIMI, sua persistência em manter-se numa linha de oposição diante da proposta de diálogo, não se justifica nem se explica simplesmente no quadro estrito do problema do indígena brasileiro. Talvez tenham outras origens as verdadeiras causas que a inspiram. Fontes e origens, totalmente alheias à sobrevivência do índio brasileiro — ao que parece, apenas uma peça sem importância no jogo de ideologias conflitantes.